

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICA E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA

JOSÉ ADRIANO DA SILVA CRUZ

**ACERVO MUSICAL PAULO BARRETO: PROPOSTA DE INDEXAÇÃO DE
ARQUIVO PESSOAL**

JOÃO PESSOA
2016

JOSÉ ADRIANO DA SILVA CRUZ

**ACERVO MUSICAL PAULO BARRETO: PROPOSTA DE INDEXAÇÃO DE
ARQUIVO PESSOAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Arquivologia.

Orientadora: Profa. Ma. Wendia Oliveira de Andrade

JOÃO PESSOA
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C957a Cruz, José Adriano da Silva
Acervo musical Paulo Barreto [manuscrito] : proposta de
Indexação de arquivo pessoal / José Adriano da Silva Cruz. - 2016.
64 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2016.
"Orientação: Profa. Ma. Wendia Oliveira de Andrade,
Departamento de Arquivologia".

1. Acervo musical Paulo Barreto. 2. Arquivo pessoal. 3.
Indexação arquivística. I. Título.

21. ed. CDD 026.78

JOSÉ ADRIANO DA SILVA CRUZ

**ACERVO MUSICAL PAULO BARRETO: PROPOSTA DE INDEXAÇÃO DE
ARQUIVO PESSOAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Arquivologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Arquivologia.

Aprovado em: 19 / 05 / 2016.

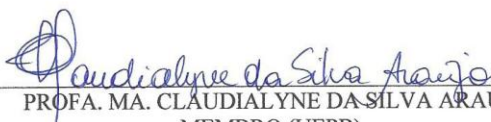
BANCA EXAMINADORA



PROFA. MA. WENDIA OLIVEIRA DE ANDRADE
ORIENTADORA(UEPB)



PROFA. MA. ESMERALDA PORFÍRIO DE SALES
MEMBRO (UEPB)



PROFA. MA. CLAUDIALYNE DA SILVA ARAÚJO
MEMBRO (UEPB)

Dedicatória

*À professora Wendia Oliveira,
pela paciência, compreensão, confiança e dedicação
ao me ajudar no decorrer da pesquisa.*

AGRADECIMENTOS

A Deus por me proporcionar tantas alegrias e estar comigo em cada passo.

À Prof.^a Wendia Oliveira, por estar sempre presente ajudando no que fosse preciso e se dispondo a me orientar.

À Prof.^a Ana Claudia, por ter me incentivado a trabalhar tal tema com todo seu entusiasmo e pela ajuda constante principalmente com seus conhecimentos musicais e conselhos.

Ao grande músico Paulo Barreto, que se disponibilizou a me ajudar com este trabalho cedendo boa parte do seu acervo para que eu tivesse material para trabalhar.

A minha família pelo apoio, incentivo e cobrança que sempre foi motivo para que eu continuasse e almejasse um futuro sempre melhor para cada um deles.

Ao meu irmão André, que sempre me ajudou nos estudos desde pequeno e em tudo que precisei.

A banca examinadora que colocou todo seu conhecimento e tempo a disposição para ajudar a tornar este trabalho melhor.

A Universidade Estadual da Paraíba e seu corpo docente por sua organização e prontidão para o atendimento do aluno.

A todos os professores que fizeram parte dessa caminhada nos passando um pouco de seu conhecimento tão importante para o nosso crescimento individual.

Aos amigos conquistados e cultivados durante o período em que estive na universidade dividindo grandes aprendizados e também alguns momentos de descontração.

A Rafaella Meira por toda compreensão, incentivo e amor.

Aos meus amigos que mais me incentivaram até a conclusão: Mauro Porfírio, Erika Costa e Ana Cristina, que ajudaram com dicas, materiais de estudo, referências e companheirismo nos seminários.

RESUMO

Acervos musicais são distintos por vários elementos, seja pela forma como se apresentam, seja pela linguagem específica ao qual se apresentam. A proposta para indexação para o arquivo pessoal do músico Paulo Barreto, teve como base um estudo arquivístico em conjunto com alguns embasamentos musicais, que possibilitaram a criação de uma ficha de descrição utilizando os termos mais representativos sendo indexados e adicionando alguns termos que poderão também melhorar o âmbito de pesquisa para documentos específicos. A associação dos procedimentos técnicos arquivísticos com a musicologia vem acontecendo há um bom tempo devido a necessidade do registro dessa documentação específica, tendo sido precursor para criação de normas e catálogos para descrição musical como por exemplo a *International Association of Music Libraries, Archives and Documentation Centres* (IAML) e o Manual de catalogação de Partituras, disponibilizado pela Escola de Comunicação e Artes (ECA) de São Paulo. O acervo musical analisado continha várias partes e partituras, incluindo obras de grandes músicos famosos como Beethoven. Tivemos como objetivo criar fichas que representassem o conteúdo informacional do Acervo Musical de Paulo Barreto, que doou parte do seu acervo para a efetiva realização dessa pesquisa. Consideramos a pesquisa exploratória e descritiva, sendo também documental, já que os documentos não passaram por nenhum procedimento técnico antes desse estudo. A seleção dos indexadores e a aplicação da ficha de descrição mostraram-se de fácil utilização e compreensão. Buscamos assim, agregar os conhecimentos adquiridos na indexação/representação no contexto arquivístico para descrever o Acervo Musical Paulo Barreto, visando a futura recuperação da informação musical.

Palavras-chave: Acervo Musical Paulo Barreto. Arquivo Pessoal. Ficha de descrição. Indexação Arquivística.

ABSTRACT

Musical collections are different for various elements, is by the way like presents, is by the way of the specific language that presents. The proposal to indexing to the Paulo Barreto's personal file, had an archival study like base together with some musical embasements, that makes possible the creation of a description form utilizing the most representatives terms being indexed and adding some terms that may also improve the search scope to specific documents.. The Archival Technical of Procedures Association with the musicology it has been going for a long time due to necessity of register to this specific documentation, it has been going precursor to the creation of standarts and catalogs to the musical description, for example the International Association of Music Libraries, Archives and Documentation Centers (IAML) and the sheet catalog manual, available for the Arts and Communication School (ACS) of Sao Paulo. The musical collection analyzed had contained various parts and scores, including works of big famous musicians like Beethoven. The objective was create records that represents the informational content of Paulo Barreto's musical collection, that donated part of your collection to effective realization of this research. We consider the exploratory and descriptive research, also being documental, since documents don't pass for any technical procedure before this study. The indexer selection and the application of description form showed up of easy utilization and comprehension. So we seek, aggregate the indexing/representation acquired knowledge in the archival context to describe the Paulo Barreto's Musical collection, aiming the future recovery of musical information.

Keywords: Acquis Musical Paulo Barreto. Archival Indexing. File description. Personal archive.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pauta ou Pentagrama.....	17
Figura 2 - Marcação da pauta com escala natural	18
Figura 3 - Clave de Sol e nota Sol.....	19
Figura 4 - Linhas suplementares.....	19
Figura 5 - Acidentes: Sustenido e Bemol	20
Figura 6 - Clave de Fá	20
Figura 7 - Nota fá na clave de fá	21
Figura 8 - Clave de dó com nota dó	21
Figura 9 - Fórmula de compasso	23
Figura 10 - Unidades de tempo e compasso.....	23
Figura 11 - Tempo Quaternário	23
Figura 12 - Tempo 2/2.....	24
Figura 13 - Armadura de clave com sustenido.....	24
Figura 14 - Armadura de clave com bemol	25
Figura 15 - Parte com ênfase nos descritores indexados – Documento nº 01	42
Figura 16 - Parte com ênfase nos descritores indexados - Documento nº 02.....	44
Figura 17 - Parte com ênfase nos descritores indexados - Documento nº 03.....	46
Figura 18 - Parte com ênfase nos descritores indexados - Documento nº 04.....	48
Figura 19 - Parte com ênfase nos descritores indexados - Documento nº 05.....	50
Figura 20 -Parte com ênfase nos descritores indexados - Documento nº 06.....	52
Figura 21 - Parte com ênfase nos descritores indexados - Documento nº 07.....	54
Figura 22 - Parte com ênfase nos descritores indexados – Documento nº 08.....	56
Figura 23 - Parte com ênfase nos descritores indexados – Documento nº 09.....	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBR	Core Bibliographic Record
CDS	Comitê de Normas de Descrição
CIA	Conselho Internacional de Arquivos
ECA	Escola de Comunicação e Artes
FRBR	<i>Functional Requirements for Bibliographic Records</i>
IAML	Associação Internacional de Bibliotecas, Arquivos e Centros de Documentação de Música
IFLA	<i>International Federation of Library Associations and Institutions</i>
IMS	Sociedade Internacional de Musicologia
ISAD (G)	Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística
ISBD (A)	<i>International Standard Bibliographic Description for Older Monographic Publications (Antiquarian)</i>
ISBD (M)	<i>International Standard Bibliographic Description for Monograph</i>
ISBD (PM)	<i>International Standard Bibliographic Description for Printed Music</i>
LD	Linguagem documentária
LN	Linguagem natural
NOBRADE	Norma Brasileira de Descrição Arquivística
UC	Unidade de compasso
UT	Unidade de tempo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	OBJETIVO GERAL.....	13
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
2	ARQUIVOLOGIA E A INFORMAÇÃO MUSICAL	15
2.1	TEORIA MUSICAL.....	16
2.2	INDEXAÇÃO NO CONTEXTO ARQUIVÍSTICO.....	26
2.2.1	ISAD (G).....	29
2.2.2	NOBRADE (Norma Brasileira de Descrição Arquivística).....	30
2.2.3	ISBD (PM).....	31
3	ACERVO MUSICAL PAULO BARRETO E SUAS CARACTERÍSTICAS	34
3.1	ARQUIVO PESSOAL.....	35
3.2	TIPOLOGIA DOCUMENTAL.....	35
4	PERCURSO METODOLÓGICO	37
4.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	37
4.1.1	Pesquisa documental.....	37
4.2	DELIMITAÇÃO DA FICHA DE DESCRIÇÃO.....	38
5	FICHA DE DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA: CRIANDO UM INSTRUMENTO DE INDEXAÇÃO	40
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
	REFERÊNCIAS	63

1 INTRODUÇÃO

A musicologia vem atualmente sendo abrangida em ambiente arquivístico, considerando que os documentos que compõe alguns conjuntos de obras estão em arquivos, sejam de arquivos raros, arquivos pessoais, ou mesmo públicos, que podem ser arquivados de várias maneiras diferentes, facilitando ou não, o acesso e uso desses documentos.

Apesar da produção da informação musical acompanhar a evolução da sociedade a bastante tempo, no Brasil, a mesma ganhou interesse por parte dos estudiosos como Cotta e Blanco (2006) difundindo assim a experiência do trabalho com os arquivos musicais um pouco tardiamente. Assim, poucos instrumentos de pesquisa foram desenvolvidos para suprir as demandas dos acervos especializados em música mesmo com o uso de algumas normas internacionais. O tratamento e a representação de tais informações ainda são encarados com dificuldades.

A busca por alguns arquivos pode ser remetida a elementos que compõe o conteúdo da documentação, porém, na música existem alguns símbolos que para músicos pouco experientes ou leigos na área da música sejam de difícil interpretação, dificultando a busca de arquivos que possam estar ordenados de acordo com a tonalidade da música, por exemplo. Para tanto, faz-se necessário buscar a partir de linguagens documentárias, elaborar instrumentos e meios para o tratamento da informação musical, como a indexação, efetuando e respeitando os parâmetros arquivísticos para objetivar sua recuperação.

Segundo Brasil (2005, p. 107), indexação é “o processo pelo qual documentos ou informações são representados por termos, palavras chave ou descritores, propiciando a recuperação da informação”. A indexação como referida, pode representar uma informação por determinados elementos específicos e estes podem ser utilizados em arquivos musicais impressos ou em meio digital, facilitando, e ampliando o campo de busca de um usuário que possivelmente não esteja familiarizado com o nome de uma obra, da tonalidade da mesma ou mesmo de um trecho da música.

Para falarmos de arquivos musicais precisamos entender o que é arquivo, que pode ser entendido como “o conjunto de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência de atividades específicas [...]” (BRASIL,1991).

A partir daí entraremos nas obras musicais impressas levando em consideração alguns conceitos como o de arquivologia musical.

Cotta e Blanco (2006), denominam que a arquivologia musical é um campo do conhecimento que associa técnicas e conceitos da arquivologia com algumas necessidades específicas para acervos musicais, especialmente aos manuscritos musicais, sem esquecer também dos impressos, discos e outros documentos tradicionais como as cartas missivas.

Recuperar um documento por algum termo ou palavra chave às vezes se torna mais fácil para alguns usuários, e no campo da arquivologia musical que ainda é crescente, não foram muito estudadas as possibilidades da indexação.

A indexação por sua vez é vista como “uma operação de representação documentária com a finalidade pragmática de Recuperação da informação.” (FUJITA; SILVA, 2004, p.136).

Faria (2009), diz que os bibliotecários e arquivistas na maioria das vezes não tem o conhecimento necessário relacionado a música que atenda às necessidades dos usuários como músicos e regentes e estes, desconhecem também os padrões e técnicas da biblioteconomia e arquivologia para o tratamento documental adequado.

Seria ideal que o tratamento documental existisse por um profissional da área, mas não é isso que acontece, ainda segundo Faria (2009, p. 86), “em geral, os arquivistas de orquestra são formados em música e desenvolvem métodos próprios de tratamento de partituras, heterogêneos, pouco documentados e difundidos.”

A atuação direta de profissionais de áreas distintas da arquivologia nos acervos musicais pode não permitir um transparência tão adequada quanto se faz necessário quando o assunto é a recuperação da informação, pois, deve ser criada uma base de dados com uma linguagem documentária adequada para que possa ser feita uma pesquisa mais completada quando desejada.

Ao considerar bases de dados que utilizam a linguagem documentária para a identificação do documento com objetivo de possibilitar sua recuperação com eficiência, deve permitir que se ofereça ao usuário toda uma gama de possibilidades de busca que, de outra forma, se tornaria impossível. (FARIA, 2009, p. 88).

Com a atualização dos acervos, melhorando seus sistemas de busca com descritores, tem-se a praticidade e otimização em um processo simples. Faria (2009, p.88 *apud* Sayão 1996), considera descritores como “termos usados para representar um documento, como metáforas da informação original, produzidas por linguagens artificiais, e que tem por objetivo a referência a um conhecimento real.”

Com grande importância para a busca, os descritores quando bem trabalhados, podem remeter a uma documentação mais facilmente, reduzindo o tempo de busca e ampliando também as possibilidades para tal atividade.

Estes descritores devem ser complementados por um conjunto mínimo de metadados, comumente definidos como dados sobre dados ou como informações sobre conteúdo, qualidade, condições ou outras características dos dados, que forneçam esta gama de possibilidades de busca. (FARIA, 2009, p. 88).

Associando uma boa gestão arquivística podemos chegar a um processo de descrição documental adequado, que segundo Cotta e Blanco (2006), é frequentemente colocada à frente de outros passos importantes.

Um trabalho de indexação em arquivos musicais impressos tem uma ênfase no usuário em todos os níveis do conhecimento relacionado a música, pois, a prática de indexação exibirá um maior campo de busca para uma possível pesquisa facilitando e abrangendo a visão geral de um usuário onde uma procura pode não somente remeter-se a um autor, como também à outros elementos que à compõe, e por meio de uma ficha de descrição, observar esses elementos com mais clareza. Para isso compreendemos que o documento de arquivo

[...] é qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa. É o livro, o artigo [...], a tela, a escultura, [...] o filme, o disco, a fita magnética [...], enfim, tudo o que seja produzido por razões funcionais, jurídicas, científicas, técnicas, culturais ou artísticas pela atividade humana (BELLOTO, 1991, p.14).

Levando em consideração a definição de documento de Belloto (1991) supracitada, um documento produzido com fins artísticos ou culturais se encaixa na teoria de arquivos musicais impressos, pois a música contém técnicas, história e expressa várias formas de manifestação cultural.

É de essencial importância que o arquivo disponha o máximo de elementos representativos para o sucesso do usuário quando em sua busca informacional, fazendo com que o mesmo tenha uma maior facilidade ao procurar determinados documentos. O tipo de busca que é feito em um arquivo pode facilitar uma possível construção de uma ficha para indexação dos documentos, pois, o gestor da instituição deverá analisar os elementos utilizados nas buscas ou mesmo as dificuldades enfrentadas por um usuário, remetendo à uma melhoria no seu processo de acesso à informação.

Para definir como devem ser ordenados os documentos, devemos considerar os tipos de busca a que estarão sujeitos: como os documentos poderão ser procurados? ou, de forma mais precisa: como os documentos poderão ser mais frequentemente procurados? (GOLÇALVES, 1998, p.27).

Em busca de uma forma de representar essa informação mais amplamente, objetivamos elaborar uma ficha para indexação na qual a utilização de conhecimentos à cerca dos temas arquivísticos e musicais, em consonância, serão utilizados para que a descrição seja feita da forma mais prática possível, considerando que trabalhos com essa vertente foram pouco explorados até o momento, dificultando o desenvolvimento de cria-las sem ter outras experiências como parâmetro para observação. Para tanto a pesquisa teve os seguintes objetivos:

1.1 OBJETIVO GERAL

- Propor um modelo de ficha de descrição da informação musical indexando termos geralmente usados e adicionando alguns termos que poderão melhorar o âmbito de pesquisa para documentos específicos a partir dos parâmetros da ISAD (G) e ISBD (PM);

1.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS

- Identificar a tipologia documental;
- Elaborar uma ficha de descrição para indexação da informação musical contida no acervo;
- Aplicar a ficha para teste em um acervo musical, no caso específico desta pesquisa o acervo cedido pelo músico Paulo Barreto;
- Descrever os pontos positivos e negativos da aplicabilidade das fichas no acervo escolhido.

Assim, o intuito deste trabalho é tornar mais fácil a busca pela informação no arquivo pessoal de documentos musicais impressos por meio de uma ficha para indexação de arquivos representando mais facilmente os elementos contidos na documentação.

Organizamos o trabalho em 6 capítulos, onde o primeiro trata desta breve explanação, o segundo capítulo explana conceitos e informações sobre arquivologia com seus princípios e técnicas e sobre a informação musical com abordagens sobre teoria musical. O terceiro, nos dá uma breve noção de conteúdo do acervo Paulo Barreto, condições da documentação e algumas características sobre o as obras nele contida. O quarto capítulo é o percurso

metodológico que nos dará a caracterização da pesquisa. O quinto capítulo nos remete a criação e a aplicação prática da ficha descritiva. E o sexto e último capítulo são nossas considerações finais acerca da criação, aplicação e funcionalidade da ficha de descrição.

2 ARQUIVOLOGIA E A INFORMAÇÃO MUSICAL

Relacionar a Arquivologia com a Música pode ser um pouco inusitado para algumas pessoas, porém, todo documento produzido com fins administrativos ou de pesquisa devem receber tratamento documental adequado e os documentos musicais não são diferentes. Mesmo não sendo um tipo de documentação administrativa sistematizada, o campo de atuação arquivística que vem crescendo no decorrer dos anos traz consigo técnicas que poderão representar de forma mais simples a informação musical, principalmente quando ainda são utilizados a fim de consultas.

Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p.37), arquivologia é a “Disciplina que estuda as funções do arquivo e os princípios e técnicas a serem observados na produção, organização, guarda, preservação e utilização dos arquivos. Também chamada arquivística.”. Com base nessa definição, podemos iniciar uma associação entre a arquivologia e o patrimônio musical, mais designadamente, documentos impressos como partes e partituras¹ musicais.

Entendemos arquivo pessoal como conjuntos documentais, de origem privada, acumulados por pessoas físicas e que se relacionam de alguma forma às atividades desenvolvidas e aos interesses cultivados por essas pessoas, ao longo de suas vidas. (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2015). No caso de nossa pesquisa o arquivo pessoal trata-se do acervo doado pelo músico Paulo Barreto o qual, tem como essência documental partes e partituras. Nomeamos, o conjunto de documentos do Arquivo pessoal estudado como: **Acervo Musical Paulo Barreto**.

Segundo Cotta e Blanco (2006, p.21), “A função a que se liga o documento é importante no sentido de que é ela que dá a medida de seu valor, é ela que fornece elementos para compreender as relações existentes entre o documento e o contexto em que foi produzido ou recebido.”

Para a Nobrade (2006, p.14), acervo é a “Totalidade de documentos de uma entidade custodiadora.”. Um acervo de documentos musicais pode ser criado de acordo com o decorrer da vida de um músico que por sua vez, utiliza uma partitura por exemplo com demasiada frequência, caracterizando a fase corrente que tem o valor primário. Após algum tempo, se esse músico não mais utilizar esse documento mas ao mesmo tempo quiser deixá-lo sob

¹ Podemos definir partes como um trecho da obra a ser tocada por um instrumento específico e partitura como a obra completa na qual um maestro rege uma orquestra ou a totalidade de uma obra que um solista executa.

guarda a fim de uma possível pesquisa por parte da unidade mantenedora que pode até ser o próprio usuário, esse arquivo será recolhido para o arquivo permanente².

Um acervo dessa espécie documental não é tão comum, porém, alguns músicos podem não realizar um processo de descrição da sua documentação e até mesmo conter entre seus documentos, obras únicas que poderiam se perder no tempo caso não houvesse uma descrição e guarda adequada. Ai entra a relação benéfica entre a Arquivologia e a musicologia, campos do conhecimento que podem se relacionar visando uma melhor recuperação da informação em um acervo musical, seja ele particular ou público, impresso ou digital.

2.1 TEORIA MUSICAL

A teoria musical ser descrita como um sistema ou conjunto de sistemas destinado a analisar, classificar, compor, compreender e se comunicar sobre música utilizando alguns símbolos para melhor interpretação da música, como no caso das notas musicais.

Mais precisamente em Minas Gerais, um pioneiro em pesquisa documental na área de música o alemão Francisco Curt Lange (1944), realizou um trabalho de pesquisa de campo com os documentos de acervos musicais existentes nas cidades históricas de Minas Gerais tendo grandes resultados e até mesmo surpreendendo vários estudiosos que não imaginavam tal profundidade quanto a história contida nas documentações pesquisadas por ele.

Os arquivos musicais impressos assim como qualquer outro documento de caráter administrativo, pode ser submetido ao conceito da arquivologia do ciclo vital dos documentos que são “Sucessivas fases por que passam os documentos de um arquivo, da sua produção à guarda permanente ou eliminação.” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p.47).

Uma partitura por exemplo, está em arquivo corrente enquanto estiver em uso por um músico para determinado evento que pode se estender por um tempo X, porém, após demasiado uso e não mais precisar ser utilizado, esse documento poderá ser recolhido a um arquivo intermediário onde poderá ainda ser consultado caso necessário e submetido a aplicação de uma tabela de temporalidade para fixar o tempo correto para o descarte ou recolhimento para um arquivo permanente.

Notas musicais são os elementos mínimos de um som. Quando uma corda vibra, ela movimentada as moléculas de ar ao seu redor. Essa agitação das

² Entendemos por arquivo permanente segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p. 34) como, “Conjunto de documentos preservados em caráter definitivo em função de seu valor.”.

moléculas ocorre na mesma frequência de vibração da corda. O ouvido humano capta essa vibração do ar e a processa atribuindo um som ao cérebro. Para cada frequência de vibração, o cérebro atribui um som diferente (uma **nota** diferente). (DESCOMPLICANDO A MÚSICA, 2016, grifo do autor).

Tais notas musicais podem ser expressas com símbolos ou letras específicos para facilitar o entendimento do músico e ajuda-lo a executar a música por inteiro sem precisar decorar a sequência de notas.

As principais notas musicais são **dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó**. As representações dessas notas por letras ou símbolos são chamadas de cifras ou partituras, onde as cifras utilizam a representação por meio de letras seguindo a sequência respectivamente como: C = dó, D = ré, E = mi, F = fá, G = sol, A = lá, B = Si (H, em alemão).

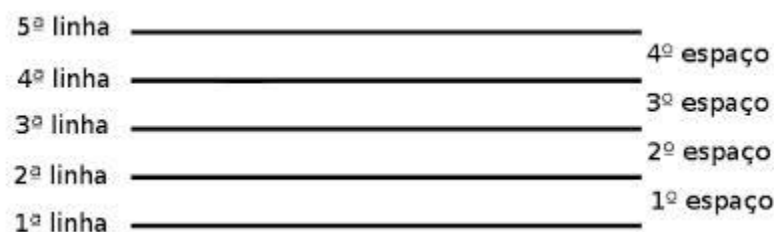
Essa representação das notas musicais em forma de “cifra” é a mais utilizada por músicos iniciantes que estão começando a compreender o meio musical, pois se torna mais simples o aprendizado devido ao reduzido número de elementos a ser assimilado durante a execução de uma música.

Remetendo essa informação contida na música, podemos associar essa representação por meio de letras junto a outros elementos para a classificação desse documento em um determinado acervo musical, seja público ou pessoal, assim facilitando o acesso para o usuário.

A música escrita em forma de partitura utiliza vários símbolos para demonstrar o que deve ser feito em cada parte da música. A partitura é o modo mais completo criado até hoje para representar uma música pois contém além da tonalidade, o tempo no qual a música deve ser executada no decorrer de toda ela.

A partitura é escrita em pauta ou pentagrama que é o local onde são escritas as notas. São 5 linhas horizontais, paralelas, que formam 4 espaços.

Figura 1 - Pauta ou Pentagrama



Fonte: Silva (2015).

A pauta a ser preenchida possibilita que o músico represente adequadamente as notas referentes a música e expresse fielmente o tempo de execução assim como a música em modo geral. Graças a criação desse sistema de linhas e espaços que nos dá a noção de cada nota musical quando descritas entre ou sobre as linhas, foi que chegamos ao sistema atualmente utilizado para leitura padrão em partes e partituras musicais que não são muito distintos dos modelos difundidos antigamente por volta do século XVII.

Por volta do século XI foi criada a pauta de cinco linhas ou Pentagrama musical, esquema que seria amplamente difundido a partir do século XVII juntamente com as figuras musicais usadas atualmente para representar as durações das notas, possibilitando grande precisão no registro de uma composição. Desta forma, toda a música composta a partir dos anos 1600 por mestres como Bach, Mozart e Bethoven foi registrada por meio de partituras semelhantes às que usamos atualmente [...]. LOBO (2016, p. 4).

Para indicarmos uma nota musical dentro dessa pauta, usaremos uma “bolinha” em cima das linhas ou espaço.

Figura 2 - Marcação da pauta com escala natural



Fonte: Lobo (2016, p. 8)³

Essa escala natural das notas de Dó a Sí, não necessariamente precisa seguir a mesma sequência da figura mostrada, pois, o uso de claves faz com que possamos alterar a sequência para leitura de linhas e espaços de acordo com a necessidade do músico.

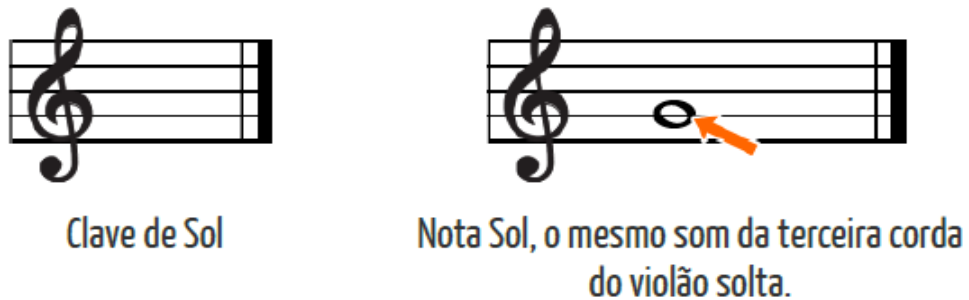
A clave mais comum utilizada para vários instrumentos, principalmente violões e guitarras, é a clave de Sol (G). “Ela é desenhada a partir da segunda linha da pauta e, desta forma, indica que a segunda linha representa a nota Sol”.

³ O documento citado não tinha data de organização ou publicação, sendo referenciado pela data de consulta.

Disponível em: <http://www.cifraclub.com.br/aprenda/tutoriais/12-violao/jzs-apostila-partitura-i-p1.html>

Acesso em: 20 de Março de 2016.

Figura 3 - Clave de Sol e nota Sol



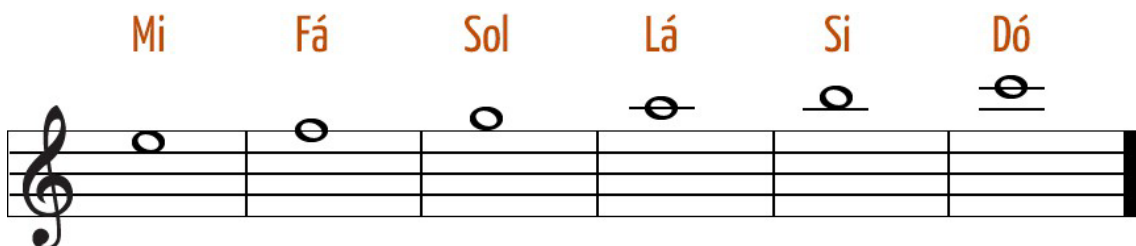
Fonte: Lobo (2016, p. 8)

Ao entendermos que a nota sol na clave de sol é escrita com a representação da “bolinha” em cima da segunda linha, teremos a base necessária para identificar as próximas notas correspondentes seguindo a escala natural das notas.

Consequentemente, as outras notas têm suas posições definidas a partir da posição da nota Sol. Quer dizer, se o Sol fica na segunda linha teremos o Lá no espaço logo acima, o Si ficará na terceira linha, o Dó no próximo espaço, e assim por diante, a sequência da escala segue normalmente com uma nota a cada espaço e cada linha do pentagrama.” (LOBO, 2016, p. 9)

A escala musical não se limita em apenas uma oitava, ou seja, não escutamos e/ou tocamos apenas da nota Dó até a próxima nota Dó. Em muitas músicas, o músico necessita atingir uma região mais aguda ou mais grave com determinadas notas para conseguir o som almejado, então, essa representação dentro de uma pauta para partitura, pode ser feita adicionando linhas e espaços a cima ou abaixo da pauta de acordo com a necessidade, essas são chamadas de linhas suplementares.

Figura 4 - Linhas suplementares

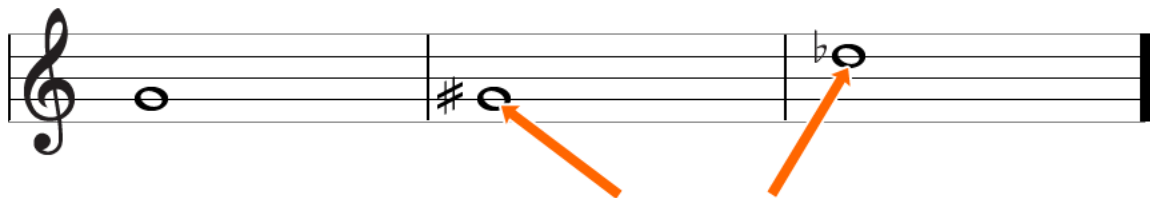


Fonte: Lobo (2016, p. 10)

Essa informação contida em uma pauta ou pentagrama pode ter uma importância significativa extremamente relevante como é o caso das obras originais dos grandes músicos como Bethoven por exemplo, pois, até hoje suas obras são pesquisadas a fim de estudos, concertos ou mesmo pesquisa.

Além das sete notas naturais, observamos também que existem os acidentes que são por sua vez o sustenido ou o bemol. Em uma pauta o acidentes influenciarão a leitura da nota e também sua representação que nesse caso receberá a esquerda da nota em pauta, um símbolo, sendo o sustenido representado pelo símbolo conhecido como jogo da velha (#) e o bemol representado por uma letra B minúscula (b).

Figura 5 - Acidentes: Sustenido e Bemol



Fonte: Lobo (2016, p. 11)

Para podermos identificar tonalidades distintas em claves diferentes, devemos entender quais as outras claves que são utilizadas e como fazer a leitura da mesma.

A clave de fá, por exemplo, é uma clave mais utilizada para instrumentistas que utilizam uma região mais grave como é o caso dos contrabaixos ou mesmo algumas escalas do piano ou órgão.

Figura 6 - Clave de Fá



Fonte: WARREN (2016)⁴

⁴ Disponível em: <http://www.deniswarren.com/?page_id=3980>.

Esta clave tem a leitura da sua nota correspondente, o fá, a partir da quarta linha sendo contada de baixo para cima.

Figura 7 - Nota fá na clave de fá



Fonte: Musicalesizer⁵

A outra clave usada para representação nos pentagramas é a clave de Dó, cujo a leitura é feita a partir da terceira linha.

Esse tipo de clave é geralmente utilizada para instrumentos médios como o Violoncelo e a viola.

Figura 8 - Clave de dó com nota dó



Fonte: WARREN (2016).⁶

A leitura da partitura por completo pode levar um bom tempo para ser compreendida devido ao intenso estudo requerido para assimilar todos os elementos, porém, para associarmos esse tipo de informação a luz da arquivologia, podemos especificar alguns termos

⁵ Disponível em: <<http://musicalesizer.com.br/2013/03/assim-fica-facil-ler-clave-de-fa.html>>. Acesso em: 13 de abril de 2016.

⁶ Disponível em: <http://www.deniswarren.com/?page_id=3980>. Acesso em: 13 de abril de 2016.

facilitando o entendimento para músicos iniciantes ou experientes, criando uma ficha que possa basicamente reunir as principais informações contidas naquele documento.

A capacidade de integração e recuperação de informações está em âmbito de desenvolvimento a partir de algumas iniciativas, entretanto, a existência de padrões faz-se necessário para facilitar o acréscimo de novas ideias a áreas específicas do conhecimento como a arquivologia que no final do século XX, mais exatamente em 1994, Estocolmo (Suécia), surgiu a primeira iniciativa de padronização de descrição de material arquivístico, o *International Standard for Archival Description (general) – ISAD(G)*. Segundo Cotta e Blanco (2006, p. 95, grifo nosso):

Especificamente no campo da música, a primeira iniciativa consistiu na publicação, pela *Associação Internacional de Bibliotecas Musicais, das Rules for Cataloguing Music Manuscripts* (GÖLLNER, 1975), de orientação claramente bibliográfica e voltada basicamente para a confecção de fichas catalográficas.

Um outro elemento condido nas partes e partituras é o compasso. O compasso é o que nos proporciona a leitura da música no tempo correto. Entre as definições que se limitam ao tempo de execução da música, temos alguns pontos a serem vistos como: Pulsação; Compasso; Ritmo; Unidade de tempo e; Unidade de compasso.

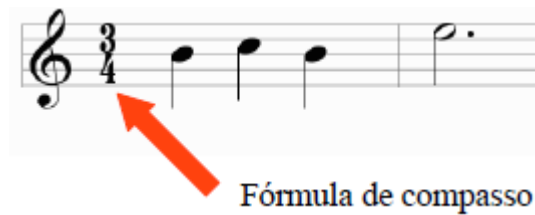
A pulsação é o que podemos tomar como um pulso implícito na música e faz com que nossa percepção sincronize vários elementos a esse pulso como a própria movimentação do corpo no tempo certo, bater das mãos ou dos pés em tempo adequado com o pulso musical ou a sincronia de outros instrumentos naquela mesma pulsação.

O compasso é a divisão dos pulsos em formas variadas. Isso permitirá com que o músico interprete em uma partitura compassos adequados para cada ritmo musical.

O ritmo musical segundo Lobo (2016, p. 4) “é o resultado da combinação das durações dos sons e pausas musicais com a variação de intensidades com a qual o músico toca estas durações.”

Para entendermos a unidade de compasso e a unidade de tempo, precisamos saber o que é a fórmula de compasso, que por sua vez, é uma representação no início da pauta, formada por dois algarismos dispostos em forma de fração, onde o primeiro algarismo que será o numerador, irá nos permitir distinguir em logo ao início da música a quantidade de tempo que teremos em cada compasso. Já o segundo algarismo indica a quantidade de pulsos dentro da música.

Figura 9 - Fórmula de compasso



Fonte: Lobo (2016, p. 4)

O termo “unidade de compasso”, remete ao numerador que é o primeiro algarismo da fração que mostrará quantos tempos teremos dentro de cada compasso, logo, o nome dado torna-se Unidade de Compasso (UC).

Já a “unidade de tempo”, representada pelo denominador, demonstra a quantidade de pulsos que ocorrerão nesse compasso e cada pulso equivale a um tempo, por isso é atribuído o termo Unidade de Tempo (UT).

Figura 10 - Unidades de tempo e compasso



Fonte: Lobo (2016, p. 10)

Também podemos representar de uma forma mais simples algumas formulas d compasso.

Segundo GUSMÃO (2012, p. 7) “A fórmula de compasso 4/4 pode ser abreviada com o símbolo “C”, enquanto o compasso 2/2 (também chamado de “alla breve”) pode ser indicado por “C”.”.

Figura 11 - Tempo Quaternário



Fonte: Wikipédia (2016)⁷

⁷ Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADmbolos_da_not%C3%A7%C3%A3o_musical_moderna>

Figura 12 - Tempo 2/2**Fonte:** Wikipédia (2016)

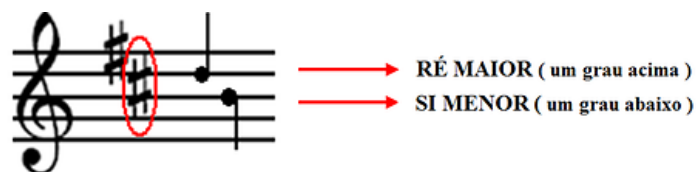
Os elementos contidos nas partes e partituras musicais que podem e são utilizados para estudo principalmente de músicos iniciantes, devem ser representados de forma mais simples em um acervo para a localização mais rápida.

Representar os termos adequados que podem ser utilizados a níveis de busca, possibilita por meio da indexação, que o usuário tenha uma comodidade maior e ganhe tempo com a busca necessária.

Podemos também nos deparar com uma tonalidade composta por vários acidentes (bemóis ou sustenidos), que podem nos dar de cara qual é a tonalidade dessa música, porém, a leitura é um pouco diferente.

Para a leitura da pauta onde logo após a clave já encontramos os acidentes, é dado o nome de “armadura de clave”, onde o acidente estará posicionado no mesmo lugar da nota, entre as linhas ou espaços e eles irão alterar todas as notas que estarão expressas naquelas linhas ou espaços correspondentes no decorrer da pauta.

Realizamos a identificação de uma tonalidade por meio da armadura de clave de forma rápida quando se tem prática. A leitura da armadura de clave que houver sustenidos será feita pelo último sustenido colocado após a clave que lemos da esquerda para a direita.

Figura 13 - Armadura de clave com sustenido**Fonte:** Descomplicando a música⁸

 Acesso em: 26 de abril de 2016

⁸ Disponível em: < <http://www.descomplicandoamusicacom.com/armadura-de-clave/> >

A imagem nos mostra que o último sustenido está no terceiro espaço, logo é o espaço que utilizaríamos para representar um dó maior (C), mas como estamos lendo o sustenido, essa tonalidade está um grau a cima, onde um grau corresponde a próxima nota da pauta aumentando a tonalidade que por sua vez será um Ré maior (D).

Podemos expressar essa tonalidade também pela sua relativa menor, que seria basicamente descrita observando um grau a menos do sustenido mostrado na pauta, então como o sustenido está no espaço do dó maior, um grau anterior ao dó será o sí (B), como é a relativa menor, expressamos as notas menores com um “m” minúsculo após a letra respectiva ao tom, logo, Si menor (Bm).

Para a leitura das tonalidades com bemóis, iremos observar o penúltimo bemol escrito na pauta após a clave, ele será a tonalidade maior munido da própria alteração, bemol.

Figura 14 - Armadura de clave com bemol



Fonte: Descomplicando a música

A nota relativa menor a essa tonalidade é encontrada dois graus abaixo desse tom.

Podemos observar que se o penúltimo bemol estiver no quarto espaço que corresponde a nota mi maior (E), será um mi bemol (Eb), então teremos como sua relativa menor com dois graus abaixo o dó menor (Cm).

Existem duas exceções para a leitura das armaduras de claves que é o caso de haver apenas um bemol após a clave ou o caso de encontrarmos uma armadura vazia.

Para o bemol, é a nota si bemol (Bb) que indicará sempre a tonalidade de Fá maior (F) ou sua respectiva menor ré menor (Dm).

Já a armadura vazia é a representação sempre da tonalidade de dó maior (C) ou sua respectiva menor, lá menor (Am).

2.2 INDEXAÇÃO NO CONTEXTO ARQUIVÍSTICO

A indexação vem evoluindo a cada dia acompanhando os novos suportes e formatos, como por exemplo o formato digital.

Para Lancaster (1987, p. 9), “O primeiro passo para indexação, a análise conceitual, envolve a decisão sobre o que se trata o documento” e complementa que o segundo passo é a tradução, onde há a seleção de termos de indexação ou descritores.

Como disse Lancaster (1987), a análise documentária é o primeiro passo.

Para Fujita (2005, p.137) os espanhóis afirmam que havia:

“[...] dois níveis de divisão: o da forma – análise descritiva ou bibliográfica – refere-se ao tratamento físico da informação ligado com o suporte; e o do conteúdo, que se refere ao tratamento temático da informação e destina-se à representação condensada do assunto intrínseco ou extrínseco tratado em um determinado documento.”.

Cria-se então uma divergência entre os conceitos Espanhóis e Franceses como apresenta Fujita (2005, p. 137) “Para os teóricos franceses, a Análise Documentária refere-se somente ao tratamento do conteúdo do documento, não adotando a divisão em forma e conteúdo, ou descrição física e temática do documento.”.

Para os estudiosos Ingleses, o processo de indexação e a análise documentária, são basicamente o mesmo processo e embora houvessem algumas divergências com relação a conceitos em algumas partes do mundo. O termo “indexação” foi o termo que preenchia o suficiente para a atividade de analisar o assunto de um documento e criar a partir dessa análise, termos para representar aquela informação ali contida, embora logo mais, com o crescimento da tecnologia, que proporcionava maior facilidade na recuperação da informação, foi tornando-se necessário substituir a elaboração de índices segundo Fujita (2005, p. 137) por uma “representação do conteúdo documentário por termos de indexação em decorrência da análise de assunto.”

Lancaster (1987, p. 10), já dizia que “o conjunto completo de termos de indexação utilizados em um sistema de recuperação pode ser denominado vocabulário ou linguagem de indexação daquele sistema.”

O processo de indexação com a análise conceitual, pode estar ligada diretamente ao que o usuário busca em um acervo (pensar como o usuário), enquanto a tradução representa basicamente a busca por adequação dos termos aos que são utilizadas pelo usuário e pelo que

está representado nos documentos. Lancaster (1987, p. 11) diz que “A representação da necessidade de informação daí decorrente pode ser considerada uma estratégia de busca.”.

Também podemos dizer sobre indexação que:

É a terminologia mais usada para designar o trabalho de organização da informação quando realizado nos chamados serviços de indexação e resumo. [...] Os produtos principais daqueles serviços são os índices/abstracts, que tanto podem estar disponíveis em forma impressa como na forma de bases de dados.” (DIAS, NAVES, 2007, p. 9).

Existem algumas formas de abordagem para o processo de descrição de um documento que seria a descrição física e a temática. Segundo Dias e Naves (2007, p.9) “O processo de descrição física compreende, em primeiro lugar, um exame do documento com o objetivo de identificar certos elementos nele constantes e que vão servir para identificá-lo.”.

O processo de descrição física, é um processo que pode ser usado para a descrição de uma partitura impressa que já não tem mais valor primário, mas necessita ser consultado posteriormente a nível de estudo por alguém, logo, deverá ter uma descrição adequada para que haja a recuperação dessa informação.

Já o processo de descrição temática, “repete-se (ou aproveita-se) o processo de exame, aqui também chamado de leitura técnica, apenas que, agora, com um objetivo diferente: o de identificar o assunto ou assuntos do documento.” (DIAS, NAVES, 2007, p. 11).

Por ser uma “leitura técnica”, este processo torna-se também necessário para que haja uma interpretação coerente e conseqüentemente uma indexação adequada para o documento e o que será exposto para facilitar que o usuário tenha uma visão mais ampla com mais termos para pesquisa.

A linguagem natural é a linguagem na qual o documento é feito, ou seja, a linguagem musical com notas, pautas, partituras, e toda a especificidade é uma linguagem natural para o âmbito da música, a linguagem artificial é a tradução (LANCASTER, 1987) da mesma para que seja recuperada através de sistemas de recuperação da informação manuais ou automatizados.

A linguagem artificial também pode ser chamada de Linguagem Documentária (LD), que irá remeter a determinados documentos, linguagens padrões que se aplicarão a suprir a necessidade pela busca de um termo.

Segundo Cintra (2002, p. 17), “A função da LD é tratar o conhecimento dispondo-o como informação. Em outras palavras, compete as LD’s transformar estoques de conhecimento em informações adequadas aos diferentes segmentos sociais”.

Devido ao uso de linguagens documentárias para áreas específicas de estudo, geralmente cria-se um vocabulário controlado. De acordo com Lancaster (1987, p.11), vocabulário controlado "nada mais é do que um conjunto limitado de termos que devem ser utilizados por indexadores e usuários".

[...] a música tem todo um conjunto de códigos escritos, não verbais nem dependentes da língua, e terminologia específicos. Não é possível identificar e descrever um documento musical sem recorrer a alguns elementos próprios da linguagem musical bem como a convenções técnicas próprias da música. As maiores dificuldades, ao nível tecnológico, encontram-se na inclusão do incipit musical no registo bibliográfico. (ASSUNÇÃO; SEQUEIRA, 2006).⁹

Para falarmos adequadamente sobre acervos musicais, mais especificamente partes e partituras, nos remetemos a definições como a de Sousa e Melo (2009, p.5), que define partitura como a “obra completa em que o maestro rege a orquestra ou a obra executada pelo solista.”, e parte é “a escrita dos trechos da música a ser tocada por cada instrumento da obra a ser apresentada.”.

A musicologia associada a arquivologia e a biblioteconomia, ao ver a necessidade de guarda desses documentos e livros devido ao seu uso ou mesmo valor histórico, desenvolveram algumas normas e manuais para descrição e catalogação para partes, partituras e manuais de música em geral, porém, com a difusão das ideias, várias correções e adaptações vieram a aparecer. Temos então normas muito utilizadas e específicas para a descrição e catalogação de partituras como a ISBD (PM) e normas para descrição arquivística que podem ser associadas como a ISAD (G) e a NOBRADE, sem esquecer do Manual de catalogação de partituras da biblioteca da ECA (Escola de Comunicação e Artes) da Universidade de São Paulo, nos permitindo dar um olhar e tratamento arquivístico a esses documentos, implementar e até difundir mais amplamente essas atividades, até pelo fato de muitas pessoas ainda desconhecerem o trabalho realizado com os acervos musicais.

⁹ O documento citado não contém página específica, logo, referenciado apenas com o ano de publicação. Disponível em: <http://purl.pt/6393/1/isbd-pm.html>

2.2.1 ISAD (G): Norma Geral Internacional de descrição arquivística

A ISAD (G) (Norma Geral Internacional de descrição arquivística), comumente encontrada como ISAD, estabelece as diretrizes gerais para a preparação de descrições arquivísticas. Segundo a ISAD (2000, p. 11): “O objetivo da descrição arquivística é identificar e explicar o contexto e o conteúdo de documentos de arquivo a fim de promover o acesso aos mesmos”.

Podemos criar várias formas de descrição desde que, levemos em consideração que serão elementos de representação buscando ao máximo a precisão, que irão de fato dar cobertura a determinados requisitos, abrangendo assim o acesso a essas informações. Esse documento também diz que as normas de descrição nela contida, podem ser aplicadas a qualquer tipo de suporte ou forma. (ISAD, 2000).

A norma (ISAD) desmembra em suas áreas de informação descritiva em sete pontos que contemplam: Área de identificação; Área de contextualização; Área de conteúdo e estrutura; Área de condições de acesso e de uso; Área de fontes relacionadas; Área de notas; Área de controle da descrição. Não obrigatoriamente será necessário o uso de todos os pontos para a descrição de um documento, porém, alguns desses pontos são de essencial importância para uma descrição mais ampla.

A ISAD(G), exatamente por pretender ser internacional, aplicável a todos os tipos de materiais arquivísticos, utilizável tanto em sistemas manuais quanto automatizados de descrição, tem um alto grau de generalidade, definindo apenas a macroestrutura da descrição, deixando a definição quanto a procedimentos específicos para outras esferas de decisão, nacionais ou institucionais.” (BRASIL, 2006, p. 8).

Para a descrição dos arquivos especiais apresentados neste trabalho, focamos em alguns pontos específicos para que a criação da ficha de indexação obtivesse ampla cobertura quanto a descrição de um arquivo musical, no formato impresso, mantendo a objetividade na representação visando a recuperação da informação do acervo.

A área de conteúdo e estrutura é de suma necessidade pois é nela que deverão estar contidas informações sobre o assunto e a unidade de descrição, logo, a área de notas que visa a informação especializada que é o caso dos arquivos musicais, junto a área de conteúdo, irão nos permitir explicar o modo de pesquisa na ficha descritiva.

Existem ao todo 26 elementos abrangidos pela regra de descrição ISAD (G), mas em especial, apenas um conjunto que deverá realmente ser utilizado fielmente em uma descrição,

chamada também de zona de identificação. Os elementos que são considerados essenciais para o intercâmbio internacional de informação descritiva são:

- a) código de referência;
- b) título;
- c) produtor;
- d) data(s);
- e) dimensão da unidade de descrição; e
- f) nível de descrição. (ISAD, 2000, p. 12-13).

Ainda segundo a ISAD (2000, p. 12) “É assumido que as mesmas regras usadas para descrever um fundo e suas partes podem ser aplicadas à descrição de uma coleção.” Portanto, a utilização dessas regras podem ser aplicadas a uma coleção de partituras de um músico por exemplo.

Decorrente a utilização dessas normas internacionais, o Brasil por sua vez, cria seu próprio padrão de normas para descrição arquivísticas seguindo os mesmos princípios das normas ISAD, logo, a NOBRADE (Norma Brasileira de Descrição Arquivística) é diretamente relacionada as normas ISAD devido a prover suas características com base nas normas internacionais de descrição arquivística.

2.2.2 NOBRADE (Norma Brasileira de Descrição Arquivística)

A NOBRADE (Norma Brasileira de Descrição Arquivística) foi criada após várias iniciativas pelo mundo de criação de normas, como citamos anteriormente a ISAD (G), que padronizassem determinados procedimentos técnicos como é o caso da indexação no contexto arquivístico.

Em nível internacional, essas normalizações começaram a ser bem expandidas na década de 1980 junto aos progressos alcançados com na área da biblioteconomia já que os mesmos realizavam alguns procedimentos técnicos padronizados para organização de suas coleções.

Segundo a NOBRADE (2006), países como Estados Unidos e a Inglaterra, já se encaminhavam para estabelecer normas para a descrição documental, mas o Canadá foi o primeiro a elaborar as suas normas nacionais e sugerir a CIA (Conselho Internacional de Arquivos), em 1988, a criação de normas internacionais para descrição.

Segundo a NOBRADE (2006, p.7), “O primeiro trabalho consolidado da Comissão foi a elaboração da norma para descrição de documentos arquivísticos ISAD(G)”. Abrangendo

todos os tipos de suporte, a ISAD (G) continha diversos elementos de descrição para registro das informações que tornaria mais fácil a recuperação da informação.

Com o passar dos anos, houveram revisões para a norma ISAD (G) e em 1998 o Arquivo Nacional Brasileiro publica seu documento, sua versão da norma

A NOBRADE não é uma mera tradução das normas ISAD(G) e ISAAR(CPF), que já existem e estão publicadas. Seu objetivo, ao contrário, consiste na **adaptação das normas internacionais à realidade brasileira**, incorporando preocupações que o Comitê de Normas de Descrição do Conselho Internacional de Arquivos (CDS/CIA) considerava importantes, porém, de foro nacional.” (NOBRADE, 2006, p. 9, grifo nosso).

Devemos trabalhar a NOBRADE em conjunto com as normas internacionais para uma melhor adaptação visando alcançar uma descrição consistente, apropriada e de fácil entendimento para os usuários que buscam a informação.

Segundo a NOBRADE (2006, p.10), “A padronização da descrição, além de proporcionar maior qualidade ao trabalho técnico, contribui para a economia dos recursos aplicados e para a otimização das informações recuperadas.” A utilização de tais diretrizes, vem para direcionar e facilitar o trabalho dos profissionais da informação, inseridos nos Arquivos em suas mais diversas especificidades.

2.2.3 ISBD (PM)

Assunção e Sequeira (2006) explanam que no ano de 1952 ocorreu a primeira iniciativa para que fossem criadas regras para catalogação de documentos musicais e que essa regra viesse a ter representatividade internacional, logo, houve uma associação entre várias instituições que almejavam o mesmo objetivo, uma norma internacional para descrição de música impressa, a ISBD (PM).

Foram a Sociedade Internacional de Musicologia (IMS) e a Associação Internacional de Bibliotecas, Arquivos e Centros de Documentação de Música (IAML), que decidiram iniciar um trabalho exaustivo de descrição de fontes musicais existentes em todo o mundo, iniciativa que levaria à criação, em 1952, do Projecto RISM – Repertório Internacional de Fontes Musicais.”. (ASSUNÇÃO; SEQUEIRA, 2006).¹⁰

¹⁰ O documento citado não contém página específica, logo, referenciado apenas com o ano de publicação.

Disponível em: < <http://purl.pt/6393/1/isbd-pm.html> >

Alguns anos depois, por volta dos anos 70, foram criadas as primeiras ISBD's e em 1980, surge a primeira edição da ISBD (PM). O trabalho de revisão sobre a norma ISBD (PM) começou em 1984 e teve uma edição final em 1991, edição a qual foi traduzida para o português. (ASSUNÇÃO; SEQUEIRA, 2006).

Assunção e Sequeira (2006) dizem que no decorrer dos anos a IAML decidiu pela criação de um grupo de trabalho para a definição dos elementos obrigatórios e opcionais nos registos bibliográficos de música e registos sonoros – o *Core Bibliographic Record* (CBR) e os resultados apresentados entre 1995 e 1996 ainda não foram os mais importantes para contribuição na área.

Em 1998, surge talvez a mais importante publicação dos *Functional Requirements for Bibliographic Records*, a FRBR. Um estudo de relevância inigualável que inovou os conceitos catalogação principalmente de documentos musicais que jamais havia sido tão claramente definidos. (ASSUMPCÃO, 2012).

Assumpção (2012) diz que os objetivos do estudo FRBR foram os de proporcionar um quadro que definisse com clareza, estruturando e relacionando os dados que são registrados em registos de bibliográficos ao que os usuários necessitam desses dados.

A ISBD (PM) pode trazer várias vantagens para a descrição e catalogação de documentos musicais, pois cria uma normalização que especifica alguns elementos necessários para uma descrição bibliográfica. Entretanto, por ser uma norma que teve origem a partir de uma normatização criada para a padronização de descrição para monografias, ISBD (M), percebe-se a limitação de alguns elementos que poderiam estar contidos em uma descrição mais específica e aprofundada em um documento cujo alguns elementos tornariam mais fácil a interpretação ou recuperação da informação neles contidas.

A ISBD (PM) embora contenha bons descritores, como por exemplo, a **apresentação** ou **formato da música** (tipo de partitura), **dispositivo de obra original** e da **versão em presença**¹¹, **tonalidade**, **forma** ou **gênero**, entre outros, ainda assim fica incompleta dependendo da aplicação, pois, existem partes ou partituras originais que podem conter até mesmo anotações do artista enquanto o documento ainda continha valor primário.

A ISBD (PM) se torna uma ótima norma para a catalogação e descrição da música impressa em partes ou partituras para execução ou estudo graças a quantidade de pontos a

¹¹ A versão em presença da parte ou partitura irá tratar dos modelos de reprografia como a impressão, cópia xerox ou cópia manuscrita.

serem analisados. Torna-se um pouco complexo o uso quando temos alguns casos específicos.

Segundo Assunção e Sequeira (2012) para edições críticas, acompanhadas de estudo, de notas diversas ou as vezes de imagens, temos de cruzar a ISBD(PM) com a ISBD(M); no caso das partituras impressas antigas, temos de recorrer à ISBD(A) (International Standard Bibliographic Description for Older Monographic Publications (Antiquarian)).

Entendemos então que a utilização da ISBD (PM) em conjunto com outras normas pode ser bastante interessante devido a possibilidade de uma descrição mais completa ou mesmo a criação de pontos ainda pouco ou talvez não explorados como termos para uma busca casual.

3 ACERVO MUSICAL PAULO BARRETO E SUAS CARACTERÍSTICAS

O músico Paulo Lúcio Barreto, mais conhecido como Paulo Barreto, é bacharel em música com especialidade em violino. Formado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), foi ingresso no ano de 1989 colando grau em 1992. Hoje, Paulo Barreto realiza suas apresentações junto a orquestra sinfônica da Paraíba e também os seus trabalhos artísticos particulares.

O acervo cedido por Paulo Barreto tem uma variedade de obras acumuladas no decorrer de sua carreira. Obras que foram utilizadas tanto para estudo quando para apresentações, obras essas que o mesmo mantém em seu arquivo pessoal para fins de consulta se necessário.

Dentre as obras encontradas e analisadas nesse acervo, encontramos 30 partes musicais sendo 25 delas para violino, duas para violoncelo e 3 para piano. Encontramos também cerca de 16 partituras das quais temos 4 sinfonias, incluindo a 1ª sinfonia de Beethoven. Ainda encontramos duas sonatas para violino e piano e 3 livros antigos que são compostos de partes com músicas de grandes artistas.

Algumas dessas partes e partituras encontradas no acervo são difíceis de ser encontradas hoje em dia, podendo em uma outra ocasião contribuir para uma possível disseminação caso seja da vontade do músico. São obras de grandes compositores conhecidos internacionalmente por suas operas e sinfonias como: Wolfgang Amadeus Mozart, Charles Gounod, Georg Friedrich Händel, Franz Schubert e Ludwig van Beethoven.

Os documentos não continham tratamento arquivístico adequado, com relação a condições de acondicionamento ou higienização, mesmo assim, alguns documentos se encontram em ótimo estado, já outros, encontram-se um pouco deteriorados pela ação do tempo e exposição a ambientes não considerados corretos para acondicionamento, incluindo também o grande fluxo de utilização dos mesmos por determinado tempo, que acaba acarretando involuntariamente a pequenos rasgos nas extremidades das folhas.

A arquivologia nos permite a aplicação de técnicas que em suma, facilite a organização, o acesso e a difusão da informação. A utilização de algumas dessas técnicas como por exemplo a indexação, pode permitir ao usuário como um músico como no caso de Paulo Barreto, que ao mesmo tempo pode ser o produtor e mantenedor de seus próprios documentos de arquivo, que ele mantenha seus documentos com melhores condições de uso, melhores condições de acesso para fim de pesquisas ou outras diferentes escolhas adotadas pelo próprio responsável quanto a utilização desse arquivo.

Atribuimos a este arquivo pessoal a possibilidade de recuperação da informação mais rápida por meio da indexação dos termos e aplicação de uma ficha descritiva.

3.1 ARQUIVO PESSOAL

O arquivo pessoal resulta de atividades ou mesmo acúmulos de documentos no decorrer da vida. Para SOARES (2014, p.1), compreendemos arquivo pessoal como "um conjunto de documentos de origem privada que funcionam como guardadores de memórias das diferentes facetas de uma pessoa física ou de famílias."

Esses acervos podem caracterizar vários documentos de espécies diferentes, nos remetendo as vezes a tratamentos distintos para algumas delas.

Segundo FONSECA (2015, p.5) "[...]os acervos pessoais por reunir a documentação de pessoas físicas, abrangem diversos tipos documentais, muitos deles decorrentes de acumulação."

Devido à grande gama de documentos de diversas espécies, são criadas e atribuídas as normas para tratamento dessas informações, logo, para partes e partituras como no caso do acervo de Paulo Barreto.

Como mencionamos anteriormente, os documentos cedidos para a pesquisa, fazem parte do Arquivo Pessoal do Músico Paulo Lúcio Barreto. O arquivo cedido fazia parte do seus documentos de pouco uso cujo o valor atribuído pela arquivologia seria o valor secundário, a nível informativo, caracterizando um arquivo permanente. Não pudemos ter acesso a totalidade do arquivo devido ao uso corriqueiro de alguns documentos.

3.2 TIPOLOGIA DOCUMENTAL

A tipologia documental está diretamente associada com a função do documento de determinada espécie.

Segundo BRASIL (2005, p. 85), espécie documental "Divisão de gênero documental que reúne tipos documentais por seu formato."

Para um acervo musical impresso como a exemplo das partes e partituras de uma orquestra ou mesmo de uso pessoal, podemos caracterizar partitura como a espécie documental e parte por tipo documental.

Para BELLOTTO (2006, p.57), tipo documental "é a configuração que assume a espécie documental de acordo com a atividade que ela representa".

Identificar a tipologia documental torna possível saber em qual atividade aquele documento se encaixa ou encaixou.

Encontramos no âmbito musical documentos pouco representados com relação a espécie e tipo que são as partituras musicais. As partituras por vez, tem-se como o principal elemento utilizado principalmente pelos maestros por conter a totalidade dos instrumentos a serem regidos, logo, um músico instrumentista de um instrumento específico não precisaria de toda uma partitura, limitando-se apenas a parte referente ao seu instrumento, por mais que as vezes, em uma parte, contenham dois instrumentos para execução como por exemplo violino (1) e violino (2).

Caracterizar as partituras como espécie documental e as partes como tipo documental abrange nossa noção da utilização específica de cada uma com um olhar a luz da arquivologia.

A utilização desses termos pode permitir a um arquivista ou músico que tenha o interesse necessário para o tratamento documental, que crie um levantamento com relação ao número e tipo de documentos que ele contém em seu arquivo e a partir daí remeta a aplicação de descritores para representar em uma ficha de descrição e aplica-la.

4 PERCURSO METODOLOGICO

A metodologia consiste no percurso da pesquisa visando seus objetivos, para tanto descrevemo-la como delineamento de pesquisa a exploratória, descritiva e qualitativa, tendo como ênfase a pesquisa documental, já que os documentos cedidos pelo músico Paulo Barreto não possuíam nenhum tipo de tratamento anterior.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

É descritiva, pois visa descrever a necessidade, importância e a utilização da indexação de arquivos musicais impressos. Exploratório, pois busca um auxílio em sanar um possível problema que é o caso da informação sem nenhum tratamento arquivístico adequado. É qualitativa, pois requer a interpretação e atribuição de significados no processo de pesquisa, não requerendo o uso de métodos e técnicas estatísticas.

Por essa razão, a presente pesquisa também está associada a um estudo descritivo, uma vez que, descritivo possibilita o desenvolvimento de um nível de análise em que se permite identificar as diferentes formas dos fenômenos, sua ordenação e classificação.

4.1.1 Pesquisa documental

Nossa pesquisa perante o documento foi elaborada em meio uma análise cuidadosa pois são documentos que eram apenas de uso pessoal que não continham critério arquivístico, logo, nenhum tratamento adequado.

Para Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 5) "a pesquisa documental é um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos."

Durante a pesquisa documental pudemos analisar vários aspectos que podem ser um tanto complicados de ser entendidos quando associamos a música com a arquivologia, porém, com essa pesquisa visamos aproximar e facilitar mais esse entendimento e a interação entre a musicologia e a arquivologia com base nas partes e partituras observadas no acervo.

Segundo Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 13), a pesquisa documental "apresenta-se como um método de escolha e de verificação de dados; visa o acesso às fontes pertinentes, e, a esse título, faz parte integrante da heurística de investigação."

Concluimos então que a verificação dos dados de um documento de arquivo que em parte caracteriza uma pesquisa documental, é utilizada para o desenvolvimento desse trabalho

com o preenchimento da ficha de descrição devido a necessidade de análise em todas as partes e partituras.

4.2 DELIMITAÇÃO DA FICHA DE DESCRIÇÃO

Para elaboração da ficha de descrição teve como base as normas ISAD (G), ISBD (PM) e seguiu os padrões sugeridos dentro das normas citadas em conjunto com o Manual de catalogação de partituras da biblioteca da ECA.

Também fizemos algumas implementações com descritores que não são geralmente usados tentando deixá-los de forma simples e compreensível para que usuários com níveis distintos de conhecimento possam ter a mesma possibilidade de acesso aquela informação que poderia ser difícil de encontrar.

O primeiro passo para a criação da ficha foi delimitar os termos que deverão ser descritos após uma leitura técnica, ou seja, os termos indexados.

Para essa indexação foi levado em consideração alguns pré-requisitos das normas e manuais. Não utilizamos todos os termos que são indicados como essenciais, pois para esse caso como arquivo pessoal, não precisamos delimitar alguns pontos, como por exemplo, o código de referência que pode segundo a NOBRADE (2001), ajudar a gerar a troca de informações em níveis internacionais, mas para isso precisamos atribuir o código do país, o código do detentor e um código de referência local, porém, como não temos isso em registro pois não somos uma unidade mantenedora, esse termo torna-se ineficaz para esse trabalho.

Para tanto, a partir de uma análise de pontos comuns a todos os documentos do Acervo, identificamos as informações que aparecem na maioria deles e que se fazem representativos no momento de busca documental. Considerando as recomendações das normas citadas ao longo do trabalho, optamos pelos seguintes itens indexadores:

- a) Autor;**
- b) Título;**
- c) Meio de expressão;**
- d) Notas: Nome do editor, ou do arranizador ou autor da transcrição, duração da obra etc.;**
- e) Descrição Física;**
- f) Ano de publicação;**

Além desses termos citados que são um conjunto resultante da associação entre as normas e manuais consultados, também adicionamos mais dois pontos que poderão ser elementos descritivos que ajudarão na busca e recuperação dessa informação, sendo estes mais específicos para músicos ou usuários com melhor compreensão musical:

g) Tonalidade;

h) Compasso Inicial;

i) Observações gerais.

Esses dois itens (tonalidade; Compasso inicial) levaram em consideração a análise da parte ou partitura e os conteúdos abordados nesse trabalho. O último item das observações gerais, é destinado a qualquer informação que não puder ser encaixada nas demais categorias, como: contém rabiscos do autor, há marcações em tonalidade x, etc.

Para cada ficha será atribuída uma numeração crescente, apenas a nível de organização inicial, para esse primeiro momento de trabalho realizado de indexação e catalogação das mesmas.

5 FICHA DE DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA: CRIANDO UM INSTRUMENTO DE INDEXAÇÃO

Ao criarmos a ficha podemos focar em cada termo indexado para que houvesse uma boa representação dos mesmos de acordo com cada parte ou partitura, logo, o primeiro ponto é o nome do autor da obra.

Em seguida, utilizaremos o título, traduzindo-o se necessário como recomenda RECINE (2010, p. 32) “Traduzir para o português os títulos compostos e manter no original os títulos significativos, inclusive os de obras didáticas.”.

O terceiro ponto abordado será o meio de expressão, onde explanaremos para qual instrumento aquela parte ou partitura foi criada.

Logo após o meio de expressão, será a área para notas, onde delinearemos o documento como parte ou partitura; a clave na qual está escrita inicialmente; editores; direitos de execução ou direitos reservados.

O próximo ponto é a descrição física que nos dará a quantidade de páginas que o documento contém.

Para o sexto ponto, usamos o ano de publicação, indicando o ano contido em alguns documentos com relação a sua data de publicação.

Fizemos do sétimo ponto a representação da tonalidade inicial da música observando a clave e a armadura de clave para a expressão do mesmo, onde será escrito em negrito e também traduzidos tanto com a letra respectiva em forma de cifra como com a própria palavra que indica o tom. Ex.: F (Fá maior).

O oitavo ponto é o compasso inicial da parte ou partitura, com base no fórmula de compasso nelas escritas.

E o nono e último ponto é a área para observações gerais, onde poderemos relatar anotações do usuário que haviam no documento, marcas específicas como carimbos de bibliotecas de música ou mesmo números de série, além de podermos também falar sobre o estado de conservação ou a falta de algum dos elementos necessários.

Apresentando-a fisicamente, a ficha para o Acervo Musical Paulo Barreto:

ACERVO MUSICAL PAULO BARRETO	
FICHA DE DESCRIÇÃO n°	
Autor	
Título	
Meio de Expressão	
Notas	
Descrição Física	
Ano de Publicação	
Tonalidade	
Compasso Inicial	
Observações gerais	

Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

A aplicação da ficha de descrição com os termos indexados, mostrou-se de fácil manuseio e preenchendo o necessário para uma descrição rápida para o documento da seguinte maneira:

Fichas preenchidas:

Figura 15 - Parte com ênfase nos descritores indexados – Documento nº 01

Droits d'exécution réservés

OUVERTURE
"La grande Pâque Russe"

Violino I. N. Rimsky-Korsakow, Op. 36.

Lento mystico.

Fl. 1

dolce a piacere
Viol. Solo Cad.

2 Viol. Soli

B Maestoso. Tutti.

div. a 3. arco

Solo

Andante lugubre, sempre alla breve.

Obol.

M. P. Balaeff.

Fonte: Acervo Paulo Barreto (2016).

ACERVO MUSICAL PAULO BARRETO	
FICHA DE DESCRIÇÃO n° 01	
Autor	Korsakow, N. Rimsky. Op.36.
Título	ABERTURA. A Grande Páscoa Russa
Meio de Expressão	Violino (1)
Notas	Parte escrita para o violino 1. Escrita em clave de Sol (G) Direitos de execução reservados M.P. Belaieff, Leipzig
Descrição Física	8 p.
Ano de Publicação	-
Tonalidade	Ré menor (Dm)
Compasso Inicial	5/2
Observações gerais	Não há identificação com relação a data de publicação do documento. Existe um solo destacado para o segundo violino.

Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Figura 16 - Parte com ênfase nos descritores indexados - Documento nº 02

The image shows a page of a musical score for 'Overture to the Opera Il Guarany' by A. Carlos Gomez, arranged by Rosa Jungnickel. The score is for Violin II and includes various musical notations such as dynamics (p, f, ff, pp), articulation (accents, slurs), and performance instructions (Andante grandioso, marcato; Andante espressivo; Tempo I; Più mosso; Affrettando molto; Andante maestoso, espressivo; Allegro vivo). There are several red boxes highlighting specific parts: a box around the first staff (Horns), a box around the title 'Overture to the Opera Il Guarany', a box around the arranger's name 'A. Carlos Gomez', a box around the copyright notice, and a box around a library stamp. The library stamp includes the text 'ESCOLA DE ESTUDANTES DE VIOLINO', 'Data: 27/4/88', 'N.º: 16877', '44', and 'BIBLIOTECA'. The arranger's name 'A. Carlos Gomez' and 'Arranged by Rosa Jungnickel' are also highlighted. The copyright notice reads 'Copyright, 1912, by G. Schirmer, Inc. Copyright renewed, 1939, by G. Schirmer, Inc. Printed in the U.S.A.'. A library stamp at the bottom right contains the text 'ARQUIVO DE...', 'AUTOR: 0021', and 'PEÇA Nº: 001'. The document number 'No. 83, M.' and 'Violin II' are visible in the top left corner. The number '2' is written in the top left, and '1ª estante' is written in the top left. The number 'N.º 26' is written in the top right. The number '44' is written in the top left. The number '44' is written in the top left. The number '44' is written in the top left.

Fonte: Acervo Paulo Barreto (2016).

ACERVO MUSICAL PAULO BARRETO	
FICHA DE DESCRIÇÃO n° 02	
Autor	Gomez, A. Carlos
Título	Abertura para Opera. O Guarani
Meio de Expressão	Violino (2)
Notas	<p>Peça escrita para o segundo violino.</p> <p>Escrita em clave de Sol (G)</p> <p>Arranjo por Ross Jungnickel.</p> <p>Copiada por G. Schirmer, Inc. em 1912 e renovada em 1939.</p> <p>Impresso no Estados Unidos.</p>
Descrição Física	4 p.
Ano de Publicação	1939
Tonalidade	Lá maior (A)
Compasso Inicial	4/4
Observações gerais	<p>Fez parte da primeira estante na Escola de música da U.F.M.G, contendo carimbo de registro com data referente a 27/04/1978.</p> <p>Contém também um carimbo do Arquivo OSMG FCS com Autor n°: 0021 e Peça n°: 001</p>

Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Figura 17 - Parte com ênfase nos descritores indexados - Documento nº 03

The image shows a page of a musical score for Violino I, titled "Concerto". The score is for a piece by Joh. Seb. Bach (1685-1750), designated by David Oistrach. The tempo is marked "Vivace" and the time signature is 3/4. The score includes various performance instructions such as "Viol. II (TUTTI)", "TUTTI", and "SOLO". The score is divided into measures, with measure numbers 7, 11, 15, 19, 23, 26, 29, 32, and 35 indicated. The score is published by Edition Peters, Nr. 9032, and is copyrighted by Edition Peters, Leipzig, in 1965. The page number is E. P. 12222. The score is handwritten in red ink, with the name "MARCO ANTONIO MANOINI" and "EDGAR - 23" written in the top right corner. The word "Concerto" is written in a large, bold font in the center. The name "Violino I" is written in a box on the left. The name "Joh. Seb. Bach" and his dates are written in a box on the right. The tempo "Vivace" and time signature "3/4" are written in a box on the left. The word "SOLO" is written in a box on the right. The name "Edition Peters Nr. 9032" is written in a box at the bottom left. The copyright notice "© 1965 by Edition Peters, Leipzig" is written in a box at the bottom right. The page number "E. P. 12222" is written in the bottom center.

Fonte: Acervo Paulo Barreto (2016).

ACERVO MUSICAL PAULO BARRETO	
FICHA DE DESCRIÇÃO n° 03	
Autor	BACH, Joh. Seb. (1685-1750)
Título	Concerto
Meio de Expressão	Violino (1)
Notas	Parte escrita para o primeiro violino. Escrita em clave de Sol (G) Editada por Bezeichmet von David Oistrach Copiada pela editora Peteres, Leipzig.
Descrição Física	7 p.
Ano de Publicação	1965
Tonalidade	Ré Menor (Dm)
Compasso Inicial	4/4
Observações gerais	Contém uma anotação no canto superior direito da primeira página com o nome: Marco Antônio Mancini Edgar – 22.

Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Figura 18 - Parte com ênfase nos descritores indexados - Documento nº 04

2

Musik für 3 Violinen

Violino III

I
Adagio

W. A. Mozart
(1756-1791)
Herausgegeben von Gustav Lenzewski

(p) *(cantabile)*

7

(mp) (mf)

16

(p) (p)

22

(mf)

II
Minuetto

p dolce

6

12

Edition Peters Nr. 4508

11463

Copyright 1941 by C. F. Peters, Leipzig

Detailed description: This is a page of a musical score for Violino III. The page is numbered '2' in the top left corner. The title 'Musik für 3 Violinen' is centered at the top, with 'Violino III' written in a box on the left. Below the title, the movement is identified as 'I Adagio'. The composer is 'W. A. Mozart (1756-1791)', and the editor is 'Herausgegeben von Gustav Lenzewski'. The score consists of five staves of music. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 4/4 time signature. The first measure is boxed in red and contains a half note G4. The first staff is marked '(p) (cantabile)'. The second staff starts at measure 7 and contains dynamics '(mp)' and '(mf)'. The third staff starts at measure 16 and contains dynamics '(p)' and '(p)'. The fourth staff starts at measure 22 and contains the dynamic '(mf)'. The fifth staff is the beginning of the second movement, 'II Minuetto', in 3/4 time, marked '*p dolce*'. It contains measures 6 and 12. At the bottom of the page, there are three boxes: 'Edition Peters Nr. 4508' on the left, '11463' in the center, and 'Copyright 1941 by C. F. Peters, Leipzig' on the right.

Fonte: Acervo Paulo Barreto (2016).

ACERVO MUSICAL PAULO BARRETO	
FICHA DE DESCRIÇÃO n° 04	
Autor	MOZART, W. A. (1756-1791)
Título	Música para 3 Violinos
Meio de Expressão	Violino (3)
Notas	Parte escrita para o terceiro violino. Escrita em clave de Sol (G) Editada por Herausgegeben von Gustav Lenzewski Copiada por C. F. Peters. Leipzig
Descrição Física	6 p.
Ano de Publicação	1941
Tonalidade	Dó maior (C)
Compasso Inicial	2/2
Observações gerais	A segunda parte da música com Minueto tem uma fórmula de compasso diferente: 3/4.

Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Figura 19 - Parte com ênfase nos descritores indexados - Documento nº 05

LIBRARI PERMANENTE DA MUSICA

VERKO

0070 1

SERENADE

st Violin

I. Pezzo in forma di Sonatina
(A Piece in Sonatina Form)

P. Tchaikowsky, Op. 48
Edited by HAROLD PERRY

Andante non troppo (♩ = 84)

f sempre marcatisimo

ff

mf *p dim.* *pp*

Allegro moderato (♩ = 84)

cresc. *ff*

p *cres - cen - do - - al ff*

p *cres - cen - do - - al ff*

ff

© Copyright 1967 in U.S.A. by Hawkes & Son (London) Ltd.
© Copyright for all countries

Selling Agents: HAWKES & SON MUSIC PUBLISHERS Ltd., 205 Regent Street, London, W.1

B. & J. 6048

All rights reserved
Printed in England

ACERVO MUSICAL PAULO BARRETO	
FICHA DE DESCRIÇÃO n° 05	
Autor	Tschaikowsky, P. Op, 48.
Título	Serenata: Uma peça em forma de sonatina
Meio de Expressão	Violino (1)
Notas	Op, 48. Editada por Harold Perry. Parte escrita para o primeiro violino. Escrita em clave de Sol (G)
Descrição Física	6 p.
Ano de Publicação	1947
Tonalidade	Dó Maior (C)
Compasso Inicial	6/8
Observações gerais	Copiada em 1947 no Estados Unidos por Hawkea & Son (London), Ltd. Devido ao estado de conservação não foi possível identificar algumas informações contidas no documento.

Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Figura 20 -Parte com ênfase nos descritores indexados - Documento nº 06

Symphony in E Minor (No. 5, Op. 95)
From the New World

Violino II.

Ant. Dvořák, Op. 97.

Adagio.

Allegro molto.

EDWIN F. KALMUS, Publisher of Music, New York, N. Y.
PRINTED IN U.S.A.

Fonte: Acervo Paulo Barreto (2016).

ACERVO MUSICAL PAULO BARRETO	
FICHA DE DESCRIÇÃO n° 06	
Autor	Ant. Dvorak, Op. 97
Título	Sinfonia em mi menor (No. 5, Op.95)
Meio de Expressão	Violino (2)
Notas	Parte escrita para o segundo violino Escrita em clave de Sol (G) Kalmus Orchestra Library Publicado por Edwin F. Kalmus em Nova York.
Descrição Física	13 p.
Ano de Publicação	-
Tonalidade	Mi menor (Em)
Compasso Inicial	4/8
Observações gerais	Não foi encontrado a data de publicação. Existe um carimbo de registro da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo.

Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Figura 21 - Parte com ênfase nos descritores indexados - Documento nº 07

2

TOCCATA AND FUGUE

Violin II IN D MINOR

BACH-STOKOWSKI

Adagio (Improvisto) 1

ff

2 *via. Vcl. B.* 3 *allarg.*

4 Allegro 5

ppp dim. *ppp*

6 *cresc.*

7 Lento

rit. *molto rit.* *détaché* *ff*

Poco più mosso 8 Allegro

ff *mf* *cresc.*

ff *(rit.)*

Copyright, 1952, by Leopold Stokowski
International Copyright Secured
All Rights Reserved

B.B. 93

Broude Brothers
New York
Printed in U.S.A.

Fonte: Acervo Paulo Barreto (2016).

ACERVO MUSICAL PAULO BARRETO	
FICHA DE DESCRIÇÃO n° 07	
Autor	BACH - STOKOWSKI
Título	TOCATA E FUGA EM RÉ MENOR
Meio de Expressão	VIOLINO (2)
Notas	Direitos reservados por Leopold Stokowski na internacional Copyright Secured. Parte escrita para o Violino 2
Descrição Física	7 p.
Ano de Publicação	1952
Tonalidade	Dm (Ré Menor)
Compasso Inicial	4/4
Observações gerais	Impressa em Nova York U.S.A.

Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

ACERVO MUSICAL PAULO BARRETO	
FICHA DE DESCRIÇÃO n° 08	
Autor	MOZART, W. A.
Título	TRIO IV em C maior
Meio de Expressão	Violino
Notas	Escrita em clave de Sol (G) Editado por Joseph Adamowski Impresso no Estados Unidos Copiada por G. Schirmer, Inc.
Descrição Física	8 p.
Ano de Publicação	1920
Tonalidade	Dó maior (C)
Compasso Inicial	4/4
Observações gerais	Contém uma folha em branco como página inicial.

Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Figura 23 - Parte com ênfase nos descritores indexados – Documento nº 09

Violoncello

Trio IV
In C Major
[Köchel, No. 548]

W. A. Mozart
Edited by Joseph Adamowski

Allegro (♩ = 120)

120

19524

Copyright, 1920, by G. Schirmer, Inc.
Printed in the U.S.A.

Fonte: Acervo Paulo Barreto (2016).

ACERVO MUSICAL PAULO BARRETO	
FICHA DE DESCRIÇÃO n° 09	
Autor	MOZART, W. A.
Título	TRIO IV em C maior
Meio de Expressão	Violoncelo
Notas	Parte escrita para Violoncelo Escrita na clave de fá (F) Editada por Joseph Adamowski Copiada por G. Shirmer, Inc. Impressa no Estados Unidos.
Descrição Física	6 p.
Ano de Publicação	1920
Tonalidade	Dó maior (C)
Compasso Inicial	4/4
Observações gerais	Anotação com relação a velocidade das batidas no início da execução do Allegro, onde o original é 138 e a anotação consta 120.

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Após a aplicação da ficha de descrição, foi possível elencar alguns pontos positivos e negativos quanto a utilização da mesma.

Dentre os poucos pontos negativos encontrados está a necessidade da tradução dos títulos de obras compostas, onde por sua vez, podem estar em uma língua na qual podemos não ter domínio, tornando-se necessário o uso de alguns dicionários ou mesmo a internet. Um outro ponto considerado negativo é que para esse acervo, a ficha só poderá servir de forma mais completa para as partes e partituras, logo, os livros encontrados no acervo precisam receber tratamento diferenciado.

Como pontos positivos nós podemos destacar o manuseio da ficha de descrição, que tanto em formato digital quanto impresso, irá permitir ao usuário uma descrição mais abrangente do documento de uma forma mais rápida e clara. Podemos dizer também que a utilização dos princípios arquivísticos associados com a musicologia, nos proporcionaram mais algumas possibilidades quanto a ordenação dos mesmo devido aos itens indexados como a tonalidade e o compasso inicial.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo apresentar uma proposta para uma possível indexação do arquivo pessoal do músico Paulo Barreto e a criação de uma ficha descritiva para seu acervo musical.

Com essa ficha descritiva associada aos elementos usados para indexação e as recomendações das normas vigentes (NOBRADE, ISAD (G), ISBD (PM)) buscamos primeiramente organizar o acervo, seguido pela possibilidade de otimização do processo de busca aos documentos e a descrição das partes, partituras, entre outros partícipes do arquivo trabalhado.

A ficha descritiva apresentada é um elemento relativamente simples de ser utilizado, necessitando apenas de uma base de princípios descritivos arquivísticos e um mínimo de conhecimento musical que pode ser descrito nesse trabalho, tornando-se possível até a disponibilização para utilização em outros arquivos pessoais que necessitem de uma melhoria rápida e eficaz.

Sobre a elaboração da ficha, vale a pena ressaltar que, é um instrumento simples, que buscou em um primeiro momento a organização e indexação de um acervo que nunca havia sido trabalhado, então objetivamos a coerência e também a simplicidade de uma ferramenta para que qualquer usuário seja ele *expert* em música ou não possa encontrar o que busca.

Ressaltamos que haviam obras com títulos compostos e como indicado no manual de catalogação de partituras, fizemos a tradução desse título, podendo o acesso à internet torna-se um requisito necessário caso não haja o domínio da língua expressa na obra, como foi o nosso caso ao analisarmos partes e partituras que continham o título em alemão ou francês, por exemplo.

Observamos que os livros encontrados necessitam de uma ficha de descrição mais completa, podendo ser descritos usando as regras contidas no mesmo manual de catalogação de partituras utilizado como base para este trabalho, pois o mesmo contém indicações para esse procedimento.

As fichas foram numeradas progressivamente no decorrer da análise individual gerando o preenchimento das mesmas. A organização inicial das fichas e das partes e partituras se darão a partir do método alfabético de acordo com o título da obra. O modo de recuperação das partes e partituras por meio das fichas será pela análise do título, tonalidade e

compasso que irão estar expressos nas fichas, logo, o número contido na ficha será o mesmo em relação ao item no qual busca o usuário.

A procura do documento a partir da ficha tornará mais rápido o acesso devido aos termos nela contidos e também ao fato das partes e partituras às vezes conterem muitas páginas, dificultando o manuseio e havendo um desperdício de tempo.

REFERÊNCIAS

- ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232p.; 30cm. – Publicações Técnicas; nº 51.
- ASSUMPÇÃO, Fabrício. **O que é FRBR?** 2012. Disponível em: <<http://fabricioassumpcao.com/2012/07/o-que-e-frbr.html>>. Acesso em: 14 de Abril de 2016.
- ASSUNÇÃO, M. C. e SEQUEIRA, S. **ISBD (PM)**. Biblioteca Nacional. 2006. Disponível em: <<http://purl.pt/6393/1/isbd-pm.html>>. Acesso em: 12 de Abril de 2016.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.
- _____. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. 4 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.124p.
- CINTRA, Anna Maria Marques, et.al. **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Polis, 2002. 96p.
- COTTA, A. G.; BLANCO, O. S. (Org.). **Arquivologia e patrimônio musical**. Salvador: EDUFBA, 2006. 92 p. ISBN 85-232-0406-7. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/bvc3g/pdf/cotta-9788523208844.pdf> >. Acesso em: 13 abr. 2016.
- DESCOMPLICANDO A MÚSICA. **Notas musicais**. 2016. Disponível em: <<http://www.descomplicandoamusica.com/notas-musicais/>>. Acesso em: 13 abr. 2016.
- DIAS, Eduardo Wense; NAVES, Madalena Martins Lopes. **Análise de assunto: teoria e prática**. Brasília: Thesaurus, 2007, 65 p.
- FARIA, Maurício Marques de. **O tratamento documental dos arquivos musicais e a busca de práticas comuns no tratamento da música brasileira para orquestra**. Opus, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 85-90, jun. 2009.
- FONSECA, G. A. **ARQUIVOS PESSOAIS E SUAS PARTICULARIDADES NO ÂMBITO ARQUIVÍSTICO**. 2015. 10 p. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/seminariodearquivologiaebiblioteconomia/fonseca-g.a..pdf>>. Acesso em: 20 de Abril de 2016.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Acessus - Documentos de Arquivos Pessoais**. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil: São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivospessoais>>. Acesso em: 12 abr. 2016.
- FUJITA, M.S.L.; SILVA, M.R. A prática de indexação: análise da evolução de tendências teóricas e metodológicas. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 133-161, maio/ago., 2004.
- GUSMÃO, Pablo. **TEORIA ELEMENTAR DA MÚSICA**. Teoria e percepção musical, Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Departamento de Música. 2012. 30 p.

ISAD(G): **Norma geral internacional de descrição arquivística**: segunda edição, adotada pelo Comitê de Normas de Descrição, Estocolmo, Suécia, 19-22 de setembro de 1999, versão final aprovada pelo CIA. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2000. 119 p.

LANCASTER, F.W. **Construção e uso de tesauro**: curso condensado. Trad. de César Almeida de Menezes e Silva. Brasília: IBICT, 1987. 114p.

LOBO, Philipe. **Alturas**. Como ler e escrever partituras – I. 2016. Disponível em: <<http://www.cifraclub.com.br/aprenda/tutoriais/12-violao/jzs-apostila-partitura-i-p1.html>> . Acesso em: 15 de fev. de 2016.

_____. **Durações**. Como ler e escrever partituras – II. 2016. Disponível em: <<http://www.cifraclub.com.br/aprenda/tutoriais/12-violao/jzg-como-ler-e-escrever-partituras-ii-duracoes-p1.html>>. Acesso em: 15 de fev. de 2016.

MASCARENHAS, Mário. **Curso de Piano**. 1º Volume para jovens e adultos. 4ª edição. São Paulo, Rio de Janeiro, Brasil: Irmãos Vitale, 1973, 71 p.

Musicalleizer. **ASSIM FICA FÁCIL LER CLAVE DE FÁ**. 2016. Disponível em: <<http://musicalleizer.com.br/2013/03/assim-fica-facil-ler-clave-de-fa.html>>. Acesso em: 13 de abril de 2016.

RECINE, Analúcia dos Santos Viviani; MACAMBYRA, Marina. **Manual de catalogação de partituras da Biblioteca da ECA**. 2 ed. rev. São Paulo: Serviço de Biblioteca e Documentação/ECA/USP, 2010. 54 p.

Símbolos da notação musical moderna. Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADmbolos_da_not%C3%A7%C3%A3o_musical_moderna>. Acesso em: 26 de abril de 2016.

SILVA, B. da. **Teoria Musical - Aula 3**. 2015. Disponível em: <<http://musicienarte.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 25 de Março de 2016.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Filipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009. Disponível em: <<http://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

SOARES, Luína Hilda Lima Alves David. **O Arquivo Pessoal de Joaquim Falcão Marques Ferrer**: Da análise biobibliográfica à organização da informação. (2014)

SOUSA, Ana Cláudia Medeiros de; MELO, Denise Gomes Pereira de. Diagnóstico Do Arquivo Da Orquestra Sinfônica Da Paraíba - OSPB. **Biblionline**, João Pessoa, v.5, n. 1/2, 2009.

WARREN, Denis. **Leitura de Partitura**. 2016. Disponível em: <http://www.deniswarren.com/?page_id=3980>. Acesso em: 13 de Abril de 2016.